

**“LOS FASCISTAS NO BAILAN EN NUESTRA
OBSCURIDAD?”: Seguindo as pistas digitais de um caso
de cancelamento na subcultura gótica¹
“FASCISTS DO NOT DANCE IN OUR DARKNESS”:
Following the digital clues of a cancel case inside the Goth
Subculture**

Adriana da Rosa Amaral ²
Stella Mendonça Caetano³

Resumo: O artigo analisa o cancelamento na subcultura gótica a partir do caso de Brandon Pybos, vocalista da banda Sonsombre. O objetivo é compreender como os fãs e membros da comunidade gótica lidaram com as acusações de associação a grupos neonazistas e racistas contra Pybos, e refletir sobre as práticas de cancelamento como instrumento de preservação ideológica da subcultura¹. A metodologia incluiu análise de conteúdo dos comentários dos fãs na publicação de esclarecimento de Pybos no Facebook, além de revisão bibliográfica sobre a subcultura gótica e seus gêneros musicais, relações entre fãs e artistas nas plataformas digitais, e práticas de cancelamento, reaproximando os estudos de fãs aos estudos de subculturas. Dentre os resultados iniciais, concluímos que o cancelamento, neste caso, serviu como ferramenta para proteger os fundamentos ideológicos da comunidade gótica, evitando a proliferação de ideias segregacionistas incompatíveis com suas bases culturais (SPRACKLEN & SPRACKLEN, 2018), além de nos dar pistas para a compreensão das “guerras culturais de participação” (DRIESSEN, 2024) no contexto online.

Palavras-Chave: Subcultura Gótica. Cancelamento em Plataformas Digitais ². Estudos de Fãs ³.

Abstract: The article analyzes cancel culture within the gothic subculture through the case of Brandon Pybos, vocalist of the band Sonsombre. The objective is to understand how fans and members of the gothic community responded to accusations of Pybos' association with neo-Nazi and racist groups and to reflect on canceling practices as a means of ideological preservation within the subculture. The methodology included content analysis of fan comments on Pybos' clarification post on Facebook, as well as a literature review on the gothic subculture and its musical genres, fan-artist relationships on digital platforms, and canceling practices, bringing fan studies closer to subculture studies. Among the initial findings, we conclude that, in this case, canceling served as a tool to protect the ideological foundations of the gothic community, preventing the spread of segregationist ideas incompatible with its cultural principles (SPRACKLEN & SPRACKLEN, 2018), while also providing insights into the understanding of “participatory culture wars” (DRIESSEN, 2024) in the online context.

Keywords: Goth Subculture. Digital Platforms Cancelling ². Fan Studies ³.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Som e Música. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Adriana da Rosa Amaral: UNIP, Doutora em Comunicação Social, adriana.amaral08@gmail.com.

³ Stella Mendonça Caetano: UNISINOS, Doutoranda em Ciências da Comunicação, stella.mcaetano@gmail.com.

“Dark Entries”⁴: Introdução

A subcultura gótica tem sua origem no Reino Unido, na década de 1980, influenciada pelo punk e pela música pós-punk, tendo como base ideológica posições políticas radicais e pautada no respeito e valorização da diversidade. No transcorrer dos anos e com a popularização do uso da internet, a comunidade gótica passou a utilizar das ferramentas das plataformas sociais digitais, para continuar com a troca de informações, experiências, vivências e compartilhamento de gostos (BADDELEY, 2005; AMARAL, 2007;).

Dentro dessa configuração globalizada de convivência, os fãs de música gótica experimentam relações mais estreitas com seus ídolos, tanto em decorrência das redes sociais quanto dos sentimentos de identificação e pertencimento a uma mesma comunidade (; HENNION, 2007; AMARAL; MONTEIRO, 2013). A aproximação permite que no contato direto com o artista, o fã seja mais crítico no que diz respeito às suas posturas e atitudes, podendo exercer um maior poder de vigilância (ANDREJEVIC, 2008; SHEFRIN, 2004). O poder de acompanhar de perto o artista propicia descobertas de ações que podem não ser compatíveis com as ideologias e a moralidade do fandom, e no caso dos fãs de música gótica, da própria comunidade. Assim, abre-se espaço para o exercício de práticas de fandom que culminam no cancelamento (ALBERTO & SÁ, 2021; NG, 2022; TABASNIK, 2023; DRIESSEN, 2024; SÁ & ALBERTO, 2024, GOVARI, VIEIRA & TABASNIK, 2024) do artista Brandon Pybos da banda norte-americana *Sonsombre*.

Nesta pesquisa, buscou-se compreender, a partir do caso de cancelamento de Brandon Pybos, vocalista da banda de *goth rock* *Sonsombre*, como foram os processos pelos quais os fãs e membros da comunidade trataram o caso e as motivações do cancelamento. Por fim, foi proposta uma reflexão acerca do caráter instrumental do cancelamento na luta por manter a subcultura gótica como um espaço de liberdade e diversidade conectado com suas raízes políticas contraculturais radicais.

1. (Un)Dead Souls⁵: Subcultura gótica e os fluxos geopolíticos da música

Ao ouvir a palavra gótico/a são acionados diversos referenciais que remetem à literatura, arquitetura, arte, cinema e pessoas tristes, por exemplo. No entanto, quando o assunto

⁴ Música da banda Bauhaus

⁵ Adaptação do título da música *Dead Souls*, lançada em 1979 pela banda de pós-punk *Joy Division*.

é subcultura gótica, trata-se de um estilo de vida que busca se contrapor ao dominante por meio da combinação de novas maneiras de se comportar socialmente, atitudes e valores que se somam ao radicalismo contra o que está hegemonicamente estabelecido, conectada aos fluxos de consumo de música tratados dentro das cenas como mainstream e underground (NAPOLITANO, 1990; AMARAL & GOVARI, 2021;).

O gótico é uma subcultura musical, originária da música que preencheu a *Batcave* em *Soho*, Londres, entre 1982 e 1985, o pós-punk, que, por sua vez, tem suas raízes na subcultura punk, na ideologia *Do It Yourself (D.I.Y.)* e no experimentalismo. A música gótica, no entanto, não ficou restrita ao pós-punk, seu caráter experimentalista viabilizou o desenvolvimento de subgêneros diversos como *darkwave*, *gothic rock*, *death rock*, *eletronic body music (EBM)*, *coldwave*, *cybergoth*, *gothabilly*, *gothic metal*, *black metal* e outros (KUHNLE, 1999; JERRENTUP, 2000;), que compartilham, tanto da melancolia e do sombrio, como o horror e o medo presentes em uma intensidade visceral, de forma podem expurgar demônios interiores ou expressar as mais intensas paixões (MUELLER, 2008), quanto da qualidade sombria distintiva presente no timbre das vozes dos intérpretes (VAN ELFEREN, 2018).

Retomando brevemente o tema do experimentalismo, a música gótica investiu na mistura de ritmos e gêneros para criar algo novo, como por exemplo, incorporar as guitarras do reggae e do *ska* - músicas negras -, a fim de dar mais espaço à bateria e ao contrabaixo, influências de *dub*, bossa nova brasileira e *disco* (THOMPSON, 2002; REYNOLDS, 2009; HURMENITA, 2014). Essas influências externas tão diversas se relacionam com o contexto social, político e econômico de imigração de mão-de-obra vinda das colônias inglesas, especialmente Jamaica, na década de 1970, quando o desemprego e a recessão econômica, provocados pela crise do capitalismo estavam latentes (OLIVEIRA, 2019).

Ao serem deslocados de seu território os imigrantes levaram consigo sua cultura, sua música, como, por exemplo, o *reggae*, que se tornou muito popular na Inglaterra, na década de 1970, devido à gravadora *Island Records*, fundada na Jamaica e realocada em terras britânicas (SHIRLEY, 1994). Spracklen e Spracklen (2018), no entanto, apontam que foi a banda *Sisters of Mercy*, que popularizou o que o gótico foi e se tornou:

[...] políticas radicais; um desprezo pelo mainstream; roupas pretas; cabelo preto; mercadoria preta; anfetaminas; baterias eletrônicas e grandes linhas de baixo; gelo seco; guitarras estridentes; acordes menores e vozes tristes e profundas; letras profundas e significativas. (SPRACKLEN; SPRACKLEN, 2018. p. 193)

A música gótica é uma narrativa de fruição, na medida em que coloca o receptor em

estado de perda, fazendo vacilar suas bases históricas, culturais, psicológicas, as consistências de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, causando, portanto, desconforto. A subjetividade e a melancolia do gótico, juntamente com a sonoridade agradável, não apagam os conflitos. Ainda que aponte de maneira palatável e prazerosa questões políticas e sociais, apresenta as questões e faz suas críticas por meio de uma estrutura narrativa incômoda, tanto na música quanto na estética, desafiando àqueles que estão fora da cena a questionar a si mesmos, seus sentimentos e conhecimentos prévios (LAING, 1985).

Ao experimentar com a mistura de gêneros, ritmos e culturas, a música gótica e, por conseguinte, a subcultura gótica, nascem da diversidade e por ela são caracterizadas. Nesse sentido, enquanto estilo de vida, para além da música, o gótico envolve modos de vestir próprios, tão diversos quanto seus gêneros e subgêneros musicais, e uma ideologia de pensamento, comportamento e vida, livres. A ideia de uma subcultura libertária passa pela recusa de normas hegemônicas que afetem a condição humana de existência dos indivíduos, de sorte que a diversidade abraçada pelo gótico diz respeito à gêneros, sexualidades, raças, corpos e subjetividades. Não haveria, portanto, espaço para machismo, misoginia, homofobia, racismo, gordofobia, fascismo, conservadorismo e demais posturas que coloquem em risco a liberdade individual – e coletiva –, dos góticos, especialmente, dentro da subcultura e das cenas.

Grande parte dos estudos acerca da subcultura, quando se debruçam sobre os aspectos de diversidade e disputas internas, abordam as relações de gênero, sexualidade e performance de feminilidade (HODKINSON, 2002; GOULDING ET AL., 2004; BRILL, 2007; GOULDING; SAREN, 2009;). Poucas são as pesquisas que abordam as questões e disputas raciais dentro da esfera do gótico, talvez por considerarem a diversidade e o caráter libertário da subcultura como pacificadores dessas tensões, uma vez que não deveria haver espaço para racismo e xenofobia nela. Uma exceção é o trabalho de Amanda Gomes (2025), intitulado “Racismo e misoginia na subcultura gótica: uma análise a partir de vivências de mulheres negras” defendido recentemente na UFMG.

Compreendemos assim que subculturas não estão isentas de reproduzir estruturas sociais, econômicas e políticas (THORNTHON, 1995), bem como são locais nos quais os sujeitos e seus corpos estão em disputa, podemos, também, compreender que o racismo estrutural se infiltra nos meandros subculturais, exigindo dos participantes constante vigilância, combate e ações que visem dirimir conflitos e promover inclusão e fazer valer seu discurso contra hegemônico pró liberdade e diversidade.

2. “*I don’t exist when you don’t see me*”⁶: a relação entre fãs, artistas e bandas góticas nas plataformas sociais digitais

A popularização da internet, e o aumento de seu uso, trouxe a possibilidade da criação de outros e novos espaços sociais, rompendo os limites territoriais geográficos e oferecendo uma interconexão em rede mundial, possibilitando a reformulação da vida social em sua dimensão física e virtual (Oliveira, 2012). A cena gótica abraça as novas tecnologias ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000 iniciando com a escrita dos diários virtuais (HODKINSON, 2003) e as possibilidades que elas oferecem, criando espaços, como blogs, fóruns de discussão, sites oficiais - ou não - de artistas, perfis, canais, grupos e comunidades nas plataformas de redes sociais Facebook, YouTube, Instagram, Tumblr e Whatsapp, novos agenciamentos mediados pela tecnologia e plataformas que proporcionam novos espaços para interação, trocas, divulgação e convivência, independentes dos limites territoriais (AMARAL, 2007; BADDELEY, 2005; HODKINSON, 2017).

Historicamente, a concepção de redes de computação como comunidades virtuais foi construída ainda no final da década de 1960 e início da década seguinte, com as publicações contraculturais do *Whole Earth Catalog*, criado por Stuart Brand, no qual foram materializados valores e visões sociotécnicas acerca da tecnologia das redes, que ajudaram a redefinir esses últimos e fabricar uma compreensão da tecnologia como força contracultural. Assim, o consumo de tecnologias e redes deixava de ser condenável ou amedrontador e se apresentava como ferramenta para alcançar maior liberdade criativa.

Na esteira das transformações sociais e retomando à presença dos góticos e a utilização que fazem das redes sociais, compreende-se que as plataformas sociais digitais, hoje, atravessam a experiência humana no tecido social, interferindo e produzindo no mesmo através de múltiplos processos dentro de uma ecologia estruturada das ambiências digitais, o que reforça sua capacidade de intervir nas estruturas sociais (VAN DIJCK, 2014; 2018). Assim, quando a ideia central da cena gótica é deslocada para as plataformas sociais online, mantém em seu centro a aproximação e ajuntamento de pessoas que compartilham interesses em uma cybercena (AMARAL, 2007). Dentro dessa cybercena, mais ampla, estão grupos menores de “amantes de música” (HENNION, 2007) góticos de determinadas bandas, concentrados nas

⁶ Trecho da canção *When You Don’t See Me*, lançada em 1990 no álbum *Vision Thing*, da banda de *goth rock* *Sisters of Mercy*.

publicações de suas páginas e perfis oficiais e não oficiais. Esses “amantes de música” podem ser compreendidos como fãs e seus grupos de concentração como fandoms (AMARAL; MONTEIRO, 2013).

Um ponto importante é que nesse contexto da popularização da internet e da chegada de uma nova geração de fãs e participantes da subcultura que a conhecem mediada pelas mídias digitais e não pelas “ruas” - casas noturnas, bares, etc - se estabelecem novas hierarquias de acúmulo de capital subcultural (THORNTON, 1995; JENSEN, 2014) entre os membros cuja trajetória vem do contexto presencial e os outros, mais jovens, ou chamados pejorativamente de “góticos de internet”, estabelecendo mais uma camada de disputa ou o que Sá (2021) denomina como “treta”. Esse processo de constituição de capital subcultural ajuda tanto na ampliação do exercício de certos influenciadores digitais como “gatekeepers” da cena como amplifica as vozes de DJs, músicos e outros participantes “mais antigos” da cena, construindo camadas temporais e territoriais⁷ de disputas e de discussões ora prescritivas ora mais abertas em relação ao consume e ao estilo de vida gótico.

A internet globaliza os fandoms e dá a eles amplitude sem barreiras territoriais que limitem a comunicação entre ações dos fãs dentro e fora das redes. Os fãs, como apontam Jenkins e Tulloch (2005), são ativos na comunidade, atuam na curadoria, criação e na compreensão crítica de conteúdo, conforme suas interpretações próprias dos signos, e, em colaboração uns com os outros, possuem poder e influência social e cultural na cena gótica, de forma que compõem uma cultura participativa (JENKINS, 2008). Interessa aos fãs, com maior ou menor envolvimento, a música e a vida dos artistas e, com as plataformas sociais digitais, a distância entre eles parece a cada dia mais estreita. As bandas e os artistas deixam de ser intocáveis, distantes, inacessíveis, o que muda a percepção do fã que se torna mais crítico e tem um canal direto online para comunicar suas discordâncias e fazer suas cobranças, de modo que a crítica e a adoração são emitidas em conjunto (ANDREJEVIC, 2008; SHEFRIN, 2004).

⁷ A partir desses entrecruzamentos entre os territórios físicos e digitais, Amaral (2013) em pesquisas posteriores, critica a própria noção de cybercena e entende que ela possuía uma demarcação histórica enquanto categoria analítica, que na atualidade parece apenas favorecer a disputa do modo de vida mediado pela internet. A autora também entende que tais camadas fazem parte da subcultura a partir de sua história com as mídias de nicho e com o empreendedorismo subcultural (AMARAL, 2020), bem como é essa articulação – e não da separação – que mantém e amplifica a longevidade da cena, seja a partir dos revivals sobre a música gótica amplificados por ex através da viralização do TikTok (AMARAL, 2022) ou da permanência casa noturna mais importante como o Madame (AMARAL, 2024)

Diante da cultura participativa dos *fandoms*, bandas e artistas têm a oportunidade de pensar suas carreiras com *feedbacks* rápidos e diretos de seu público alvo, além de cativar audiência e aumentar ou manter sua base fiel de fãs. Por outro lado, ter os olhos atentos dos fãs sobre si a todo momento nas redes sociais exige dos artistas uma melhor performance e representação de si *online*, estando em consonância com a subcultura a qual integram – ou a qual seu público integra –, com os valores e ideologias compartilhados na cena musical e nos *fandoms* e com as expectativas dos fãs.

As postagens, fotos, textos e vídeos publicados nas redes sociais são, de acordo com Polivanov (2015), uma construção discursiva performatizada que tem como interlocutor uma audiência imaginada, portanto, uma autoapresentação que interage com outros e é atravessada pelos seus discursos. Pode-se compreender, assim, que os perfis no Facebook, Instagram e outras plataformas sociais digitais, são personas, ou seja, construções que os artistas e bandas elaboram e reelaboram de maneira performática, considerando nesses processos os materiais e comportamentos que querem exibir para causar a impressão e o efeito desejado em seus fãs e seguidores.

Na esfera subcultural gótica as relações entre fãs e bandas, que já se estreitam devido às aproximações facilitadas pela internet, são ainda mais próximas e permeadas pelos sentimentos de identificação e afeto, uma vez que a existência da subcultura, de maneira independente das estruturas sociais e econômicas macro, depende da circulação – produção e consumo –, de produtos dentro de seu microcomércio, fazendo girar sua microeconomia. Há, por consequência, uma preocupação maior em consumir produtos, de roupas à música, feitos de góticos para góticos. No caso da música, essa preocupação segue a diretriz de consumir aquilo que é produzido dentro dos gêneros e subgêneros que estão sob a matriz da música gótica, ou *dark music*, sem discriminar bandas de maior sucesso comercial e bandas que circulam pelo *underground*, vez que o sucesso comercial se tornou raro após a década de 1990 e a própria subcultura se articula no *underground*.

Assim, a exigência para que bandas e artistas tenham posturas, comportamentos e performances de identidade condizentes com o que prega a ideologia libertária e diversa do gótico é intensa, e a vigilância dos fãs ultrapassa a simples vigilância em torno de um artista ou banda, o cuidado não é mais para que o fandom não se decepcione, mas, sim, para que a subcultura não sofra, se enfraqueça ou perca suas bases ideológicas frente desvios de um de seus representantes. Ao mesmo tempo, como aponta Driessen (2024) as relações afetivas entre

fãs e a música muitas vezes extrapolam tais questões, pois são compreendidas como algo do fórum individual e íntimo

3. “Dark Fandom ou Fandom Dark?” Abordagens acerca das práticas de cancelamento de músicos e seus fãs

Nos últimos anos, diversas perspectivas teóricas tem abordado a discussão sobre a chamada “cultura do cancelamento”. Historicamente relacionada a movimentos sociais negros como o “Black Twitter” ou de gênero como o “#metoo” (PEREIRA & SÁ, 2021; NG, 2022), observamos que o debate tem sido feito ora a partir dos estudos de plataformas e de cultura digital, ou de perspectivas do ativismo político e das chamadas “guerras culturais” (NAGLE, 2017) ou dos estudos das culturas de fãs, e até mesmo em articulações conjuntas dessas abordagens. Driessen (2024) compreende o fenômeno do cancelamento a partir da ideia de guerras culturais participativas, ampliando a noção de guerras culturais para m foco maior no papel dos fãs e da cultura digital. Nesse sentido, apontamos que o presente artigo preenche uma lacuna ao articular as práticas de cancelamento com os estudos sobre subculturas.

Vários autores dos estudos de fãs como Stanfill (2019) e Soares e Sá (2025), entre outros, tem pensado nas práticas de cancelamento como parte do que está sendo chamado de estudos sobre a toxicidade dos fandoms atrelado às noções de ódio. Por outro lado, há também perspectivas que entendem tais práticas como atreladas a modos participativos de brincar (NYBRO PETERSEN, 2022), *playful*, em inglês.

As chamadas práticas tóxicas de fãs também tem sido estudadas a partir do termo Dark Fandoms, descrito pelo antropólogo Broll (2018) como “comunidades de fãs daqueles que perpetram atos hediondos” como por exemplo o caso de fãs dos atiradores da Escola Columbine. No entanto, os autores da área de fãs vem ampliando esse debate tanto chamando de Dark Fandom, grupos que promovem ataques e práticas tóxicas e preconceituosas dentro de comunidades de fãs como os K-Poppers (IWICKA, 2014); como fãs do gênero *True Crime*⁸ (FATHALLAH, 2022) e de outros produtos culturais relacionados ao Horror/Terror.

Por sua relação estreita com o gênero literário/audiovisual do Horror - e também por conta do uso histórico desse termos para os membros da subcultura no Brasil conforme

⁸ Nos últimos cinco anos houve um crescimento nos estudos de fãs e fandoms de diversos gêneros midiáticos de True Crime como podcasts, séries de TV, etc. A discussão vem sendo feita muito a respeito sobre as questões éticas que envolvem o consumo cultural de tais produtos, incluindo até mesmo o que os autores chamam de *Murderabilia*, memorabilias fúnebres dos crimes reais. (DENHAM, 2017).

indicado por Caetano (2020) – criamos o neologismo Fandom Dark, para os fãs do gótico que podem ou não participar de práticas tóxicas.

Nossa compreensão sobre as práticas de cancelamento é que ela é negociada nos diversos grupos a partir de comportamentos que tanto podem vir a ser tóxicos e trazem uma espécie de culpabilização individual sobre o tipo de consumo cultural de cada indivíduo em vez de um debate mais social e coletivo; quanto podem ser modos de operacionalização para ativismos e participações de experimentação de identidades e ideologias, entendendo essa experimentação dentro do contexto “*playful*”. Optamos pelo uso do termo práticas e não cultura do cancelamento uma vez que define melhor o tipo de fenômeno da cultura digital, seja a partir da bibliografia consultada, ou do caso aqui descrito e analisado.

Em termos analíticos, enfrenta-se dificuldades metodológicas para o entendimento de tais fenômenos dado sua efemeridade nas redes e plataformas digitais, além de um grande volume de material colocado em circulação enquanto o caso segue sendo “cancelado”. Estudar cancelamentos é assim um desafio que requer a mobilização de vertentes teóricas e metodológicas distintas e complementares seja a partir dos estudos culturais, dos estudos de materialidades digitais e das pesquisas sobre plataformas e sociedade; bem como a reflexão sobre métodos de apreensão a partir de grupos coletivos como fãs e subculturas.

Pereira & Sá (2022), tem pensado e categorizado os casos de cancelamento a partir da operacionalização dos estudos de performance, sobretudo na dimensão do “roteiro” de Diana Taylor e da coerência expressiva (POLIVANOV, 2012). Tabasnik (2022) propõe uma ideia inicial de observação a partir das narrativas audiovisuais – no caso dos cancelamentos do BBB – e da ideia da linha temporal. Já Govari, Vieira & Tabasnik (2023) aproximam as ideias de antifãs e haters, cara aos estudos de fãs com as práticas de cancelamento no caso da artista baiana Pitty e também compreendem a linha do tempo como uma ferramenta metodológica. Já Driessen (2024), analisa o cancelamento do cantor holandês Marco Borsato a partir das entrevistas com os diferentes grupos de fãs: os que não aceitam as acusações e tentam “limpar a imagem de Borsato”; os que têm dúvidas e os que ficam contra.

Nesta pesquisa, dadas as especificidades da subcultura gótica e de seus fãs optamos por um outro caminho metodológico, o da análise de conteúdo dos materiais através da rede social Facebook. A escolha do Facebook para a observação aconteceu porque a centralidade das materialidades digitais do caso e até mesmo a divulgação das entrevistas e programas no qual o artista participou se deu através dela. Além disso, no contexto da cena musical gótica – e

alternativa em geral - dos EUA e da Europa o Facebook ainda é uma plataforma preponderante. Talvez também isso sugira uma relação com a faixa etária dos fãs do gótico, embora os fãs mais recentes venham fazendo parte da subcultura a partir de sua inserção no TikTok.

4. Esse não é o *revival* que nós queremos: o caso de Brandon Pybos

Uma das características da subcultura gótica é a tradição, a nostalgia com relação ao passado, um processo seletivo no qual pessoas, lugares e acontecimentos são eleitos, dentro da subcultura, como elementos fundamentais constitutivos da história que necessitam ser lembrados e preservados (WILLIAMS & POLLACK, 1992). Na subcultura gótica há um constante movimento de retorno a suas origens e na sua música uma forte tendência de resgatar e referenciar o pós-punk e o *goth rock*. Nessa corrente nostálgica, surge, na Virginia, Estados Unidos, a banda *Sonsombre*.

Figura 1: A banda *Sonsombre* (Brandon Pybos, o vocalista ao centro)



Sonsombre é um projeto idealizado por Brandon Shane Pybos, vocalista e multinstrumentista conhecido no circuito underground do *heavy metal* estadunidense. As primeiras gravações começaram em 2016, quando Pybos conduziu as produções para o gênero *goth rock*, mas foi somente em 2018 que o primeiro álbum da banda, “*A Funeral For The Sun*”, foi lançado. As músicas que remetem à sonoridade de bandas populares e estabelecidas no gênero, e que marcaram a música gótica e a subcultura no início da década de 1990, como *Sisters Of Mercy*, *Fields Of The Nephilim*, *Suspiria*, *Nosferatu* e *Rosetta Stone*, conquistaram o público gótico de imediato e, com o impulso das redes sociais, logo a banda se tornou popular

e conhecida pelo público gótico pelo mundo. Por suas similaridades com a música de gerações anteriores e a modernização da mesma, a Sonsombre tomou para si a narrativa de *revival* do *goth rock*. O público abraçou essa ideia e o álbum apareceu nos charts alternativos e na imprensa especializada como um dos melhores daquele ano.

No entanto, em agosto de 2020 o vocalista Brandon Pybos foi alvo de acusações de associação a grupos neonazistas, racistas e extremistas de direita. Ocorreu que um fã, ao visitar o perfil público de Pybos no Facebook, encontrou entre a lista de páginas e perfis que o cantor “curtiu” associações como: *Sons Of Confederate Veterans (Official)*, *Confederate History & Heritage Month*, *Fort Gordon*, *National Association for Gun Rights*, e os canais de notícia de extrema direita *The Daily Caller*, *The First*, *The Tea Party Community*, entre outras. Diante de sua descoberta, o fã enviou uma mensagem direta, via *Messenger*, ao cantor e iniciou uma longa conversa divulgada, juntamente com as capturas de tela da lista de “curtidas”, com a permissão de Pybos, no grupo *Goths Against Fascism*, na rede social Facebook. Na conversa, Pybos explica que as “curtidas” não eram recentes, que ele havia seguido essas páginas nas épocas das eleições presidenciais de 2016, pois desejava ficar informado sobre ambos os candidatos e polos políticos ideológicos – esquerda/democrata e direita/republicana. No entanto, nenhuma página ou perfil democrata figurava na lista.

Diante da exposição no grupo, a fotógrafa e apresentadora Ashley Peel, do programa de entrevistas online *Bloodstream*, transmitido via Instagram, entrou em contato com Pybos o convidando para participar de seu programa e falar sobre o ocorrido. O programa foi transmitido no dia 9 de setembro de 2020 e nele Pybos repete os argumentos que apresentou na conversa com o primeiro fã que foi até ele, afirma estar agradecido por ter sua atenção chamada para o fato de estar em contato – curtindo e seguindo – páginas que transmitem ideologias reprováveis e se mostrou aberto ao diálogo. A comunidade de fãs se dividiu entre aqueles que acreditaram no cantor e mantiveram sua relação, com ele e seu trabalho, e outros que não acreditaram e se puseram alertas.

Em 31 de março de 2021, Ashley Peel fez uma nova transmissão de seu programa *Bloodstream*, com o título “*talking racism in the goth scene, making our spaces safe, and an important follow up from a September 2020 episode*” (falando sobre racismo na cena gótica, fazendo nossos espaços seguros e uma atualização importante de um episódio de setembro de 2020). Nesta gravação, a apresentadora conta que logo após a transmissão da entrevista com

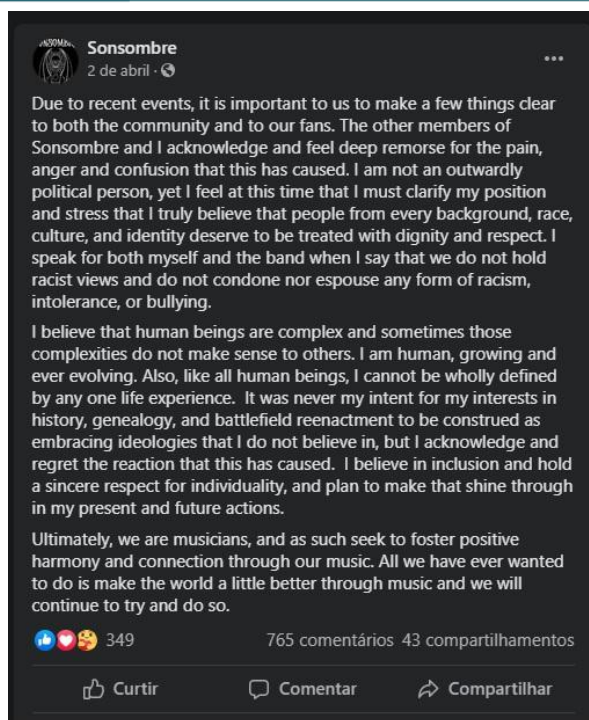
Pybos, no ano anterior, um seguidor enviou uma mensagem para ela denunciando que Brandon Pybos estaria filiado ao *Sons of Confederate Veterans*.

Nessa mesma transmissão, a apresentadora apresentou como provas dessa acusação a edição de setembro de 2015 do boletim informativo da SCV na qual a associação dava boas-vindas a sete novos membros, entre eles Brandon Shane Pybos; o informativo de janeiro de 2021 confirmou que Brandon Pybos não encerrou sua filiação, uma vez que nele Pybos e sua esposa receberam felicitações por seu aniversário de casamento. Os documentos apresentados foram o suficiente para mobilizar fãs e góticos da cena, fóruns de discussão foram abertos no Reddit, vídeo sobre o caso publicado no YouTube, memes excluindo Pybos dos agradecimentos pela contribuição à cena, repercutiram o caso para além da cena estadunidense e culminaram na manifestação de DJs, produtores, criadores de conteúdo, músicos e bandas em repúdio ao ocorrido, cancelando lançamentos de discos em parceria com o cantor e shows da banda em eventos e casas de show. Os fãs se manifestaram decepcionados e as tensões se agravaram ainda mais com a retratação de Pybos publicada na página de Facebook da banda Sonsombre.

4.1 Entre os fãs e o ídolo: o “pedido de desculpas”

Pressionado pelos fãs a se manifestar acerca das denúncias que circularam na cena gótica, Pybos emitiu uma nota de retratação, não assinada, no dia 02 de abril de 2021, através da página de sua banda Sonsombre, no Facebook.

Figura 2: Retratação de Brandon Pybos publicada na página oficial da Sonsombre no Facebook (2021).



Fonte: Página Oficial da banda Sonsombre no Facebook, 2021.

No texto de sua retratação, Pybos afirma que deseja esclarecer as coisas para a comunidade (gótica) e para seus fãs tendo em vista que ele, e os demais integrantes da banda, sentem um profundo remorso – não arrependimento –, pela dor e confusão que causou. Pybos tenta demarcar sua posição política ao declarar que acredita que pessoas de qualquer raça, cultura e identidade devem ser tratadas com dignidade e respeito, e que não tolera qualquer forma de racismo, bullying ou intolerância. O cantor não aborda diretamente a questão de sua filiação a associação de práticas racistas *Sons of Conderate Veterans*, mas dá a entender que sua relação com ela não é ideológica, mas de interesse em sua genealogia e história. Escorado no argumento da complexidade e individualidade, Pybos encerra sua fala dizendo que ele e a Sonsombre vão continuar fazendo música e através dela tentar fazer o mundo um pouco melhor.

O pronunciamento do artista gerou reações imediatas nos fãs que encheram os comentários da publicação com 765 comentários, dentre os quais uma porção será analisada a seguir.

4.2 O tribunal do fandom: uma análise do conteúdo dos comentários dos fãs acerca da retração de Brandon Pybos

Diante das denúncias e confirmações amplamente divulgados nas redes sociais, e dos esclarecimentos prestados pelo cantor Brandon Pybos os fãs e membros da comunidade gótica expressaram suas opiniões e conclusões acerca do caso em suas redes sociais pessoais, vídeos, blogs e nos comentários da publicação de Brandon Pybos e da banda Sonsombre que visava esclarecer a situação. Esses últimos foram selecionados para a análise de conteúdo a seguir.

A postagem original conta com o total de 765 comentários totais, entre eles textos, imagens, gifs e memes. Para a análise foi aplicado o filtro “mais relevantes” disponibilizado pela plataforma Facebook, o qual apresenta apenas os comentários que o algoritmo seleciona como mais relevantes para o interlocutor. Após a aplicação do filtro optou-se por trabalhar somente com os comentários textuais, assim, foram selecionados 84 deles para a análise, excluindo 13 comentários cujo conteúdo era de vídeos, memes, *emogis* ou gif de reações. Ainda, foram desconsideradas as respostas aos comentários.

Dos 84 comentários, 16 se mostraram ou a favor do posicionamento de Brandon, baseados no argumento do respeito a individualidade, ou contra o cancelamento que a banda e o cantor estavam sofrendo. Os demais 68 comentários expressam desapontamento com a resposta do cantor ao incidente, argumentando acerca de sua declaração não ser um verdadeiro pedido de desculpas e denunciando, mais uma vez, sua filiação à grupos extremistas e racistas estadunidenses.

A categoria *racismo/racista*, emerge como a mais recorrente entre os comentários, especialmente por ser uma questão política e social latente nos Estados Unidos, que vivenciou em 2020 momentos históricos de tensões, violência e protestos por respeito e dignidade de negros e outras minorias. A pungência desses acontecimentos transparece na fala de uma das fãs:

Figura 3. Comentário de fã na publicação de esclarecimentos.

I'm going to make this real simple. I don't know what many of you were doing a few months ago, but we were mere minutes away from that violent insurrection at the capital being successful and a fascist dictatorship being installed in this country, because, simply, racism. It's no longer OK to say oh, I'm not political. This gives white nationalists permission to keep organizing and the next attempted coup won't be a failure unless we FIGHT against evil.

Curtir · Responder · 16 sem



26

Fonte: Página Oficial da banda Sonsombre no Facebook, 2021.

A contextualização é importante na medida em que, quando veio à tona a confirmação de que Pybos é filiado ao *Sons of Confederate Veterans* desde 2015, as primeiras justificativas e esclarecimentos do cantor, dadas em 2020, pouco depois do estopim das manifestações populares do *Black Lives Matters*, parecem ter sido desconsideradas pelos fãs. Ainda, a *Sons of Confederate Veterans* é reconhecidamente uma instituição sem fins lucrativos, que atua nos Estados Unidos a fim de preservar a memória e reformar a história dos confederados do Sul, que promoveram uma guerra civil afim de manter independência política e também a escravidão em sua região.

Apesar disso, a instituição afirma não ter relações com racismo e apenas servir para salvaguardar a memória dos veteranos e sua genealogia. Essa é também a justificativa que Pybos dá para sua filiação: interessa na história, genealogia e “reconstituição do campo de batalha”. A alegação da associação com o racismo e o fascismo, no entanto, foi um assunto comum nos comentários dos fãs.

Figura 4. Comentário de fã na publicação de esclarecimentos.

<p>In response to this post, I'm directly speaking to Brandon Pybus only for his actions that have been brought to light.</p> <p>First: Stating that you can't be wholly defined by one life experience is not entirely true when it concerns white supremacy. FACT: You are a current member of this white supremacist organization. NO Profit Organizations (NFP's) do not wish nonmembers a happy birthday or their family good will if the monthly/ annual membership dues aren't paid unless they're high ranking in status. There comes a time in our lives where interest in our genealogy or background becomes strong & impossible to ignore. However, acquiring historical information on ancestors/ ancestral history does not require mandatory membership. Stop the Madness! Please, speak to us as educated human beings for this further insults our intelligence. This claim would be against an NFP's board governance followed, maintained and reported to its State government charities bureau as fraudulent and intentional misleading to individuals, ie...Illegal with either financial consequences or suspension/ revocation of their 501(c)3 aka valid tax exemption status! You may want to "fix" your Bullshit story or you'll be solely responsible for this organization getting officially reported to the State.</p>	<p>Second: The interview of which you had the opportunity to explain your involvement occurred September 2020. You did not deny any of the accusations yet used a similar excuse. You did, however admit to covering your tracks...I mean "erasing" certain comments & acknowledgements ("Likes") on social media. When one renounces white supremacy or similar, one turns towards activism of any kind. Activism by speaking out against oppression, racism, gender discrimination, violence against homosexuality, etc. Its been seven (7) months and you've done absolutely NOTHING! Even those who aren't comfortable with politics, as you state you're one, coming from such a background would find it incredibly difficult not to act. Yet again, you've done nothing remotely close to any activism or at least speaking against such filth. Instead, you waited it out until opposing voices were inevitably silenced by time, disinterest or Life distractions. You kept it quite and continued as if nothing happened. These are not the measures of someone who's truly embarrassed by past actions or statements. These are the actions of a coward. Actions of someone who wants to continue to financially benefit from a worldwide community consisting of the very same diverse race, cultures, gender, sexuality that you piss on with pride. The world in its entirety of last year screamed for change & equality that even the most timid and politically resistant people couldn't avoid and</p>	<p>this situation was one of the issues. Yet you, Brandon Pybus was so unaffected, uninfluenced that you did NOTHING FOR SEVEN (7) MONTHS.</p> <p>Your "apology" is fluffly gas and means nothing without action. You've insulted and betrayed a community in the absolute worst way. You've betrayed friendships that were once deemed unbreakable. You've swindled your fans who've supported you financially through purchasing your merchandise & music over the years. You've deceived those who've hung onto your lyrics and emotionally related to faux emotions. Check the demographics and you'll find that your fans are comprised of Latino, Columbian, African-American, Asian, Women, Homosexuals, Transgenders...all who you continue to disrespect with this sorry ass apology just so you can move on. You're fraudulent at heart. Your apology without action is Bullshit and Unwanted in this community!</p>
--	--	--

Curtir · Responder · 16 sem · Editado

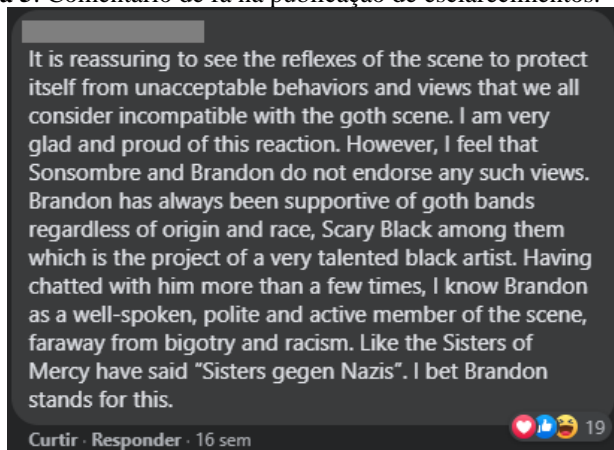


19

Fonte: Página Oficial da banda Sonsombre no Facebook, 2021.

Outra categoria que se fez presente entre os comentários foi a de *questionamento do cancelamento*. O questionamento aparece na forma de reprovação da exclusão de Pybos uma vez que as músicas por ele compostas não possuem teor racista, logo sua arte deveria ser separada de sua individualidade – os comentários nesse sentido são de fãs que tiveram algum contato com o artista-; aparece, também, na observação de que a ação de cancelar seria tão autoritária e extremista quanto o que se propõe a anular. Esse questionamento é ainda suscitado na tentativa de um dos fãs de encontrar um equilíbrio na maneira como a comunidade e o fandom lidaram com a situação, lembrando as boas ações de Pybos dentro do grupo:

Figura 5. Comentário de fã na publicação de esclarecimentos.



Fonte: <https://www.facebook.com/SonsombreUS>

Ainda, nos comentários alguns fãs buscaram, de maneira pedagógica, consciente ou não, demonstrar para o cantor seus equívocos e apontar caminhos que pudessem o conduzir para aprendizado e mudança, como, por exemplo, encerrar a sua associação com a *Sons of Confederate Veterans* e assim, parar de contribuir financeiramente para uma instituição que se aproxima ideologicamente do fascismo e defende uma história racista.

Diante da gravidade e do quantitativo de comentários condenando as ações e os esclarecimento de Pybos, o cancelamento entre fãs e cena gótica ocorreu e o sentimento da maioria com relação a isso foi de que esta atitude contribuiu para a manter a cena e a comunidade gótica como espaços seguros e de diversidade, no qual não podem ser admitidos comportamentos botem a convivência em risco.

5. O cancelamento como instrumento de preservação ideológica da subcultura gótica

Subculturas são manifestações contraculturais que podem, ou não, possuir em sua fundação aportes ideológicos e políticos menos ou mais radicais. No caso da subcultura gótica, Spracklen e Spracklen (2018) afirmam a presença de políticas radicais bem definidas em suas bases, uma vez que seu caráter contracultural herdado do punk e do pós-punk, dá ao gótico argumentos ideológicos que pendem à esquerda, como a inclusão, diversidade, anti-fascismo, anti-nazismo, rejeição dos dogmas religiosos que ajudam a propagar os preconceitos e violências. A subcultura gótica, em sua raiz, é, portanto, uma subcultura política e que, ainda que não expresse diretamente com gritos e agressividade seu descontentamento e sua ideologia, desafia os integrantes de sua comunidade, cenas, fãs e, também, quem está de fora do grupo a questionar sua própria vida, sentimentos e todo o conhecimento prévio de mundo que possui.

O gótico é inquietante e provocativo, mas com as constantes apropriações e utilização de seus elementos simbólicos nas mídias, redes sociais e nas indústrias da música e da moda, sua veia política e ideológica perdeu força, e a sua diluição em moda e influência musical para outros estilos mais modernos, podem ameaçar a existência de espaços góticos que sejam seguros, diversos e amigáveis, porém sem perder de vista sua cultura, ideologia e música (SPRACKLEN; SPRACKLEN, 2018). O resguardo de sua existência e preservação cultural ideológica resvala sobre os membros da comunidade gótica espalhados nas cenas ao redor do mundo, que convergem nas redes sociais e nelas atuam não só como consumidores, produtores e colegas de cena, mas também como transmissores de informações relevantes para a subcultura e suas cenas.

Nas plataformas sociais digitais os góticos se distribuem em espaços virtuais dedicados à subcultura, sua cultura e sua música. Os amantes de música gótica, ou os fãs de música gótica, se dividem em *fandoms* interconectados de bandas e músicos que produzem dentro da esfera da *dark music*. Os fãs estabelecem relações próximas com os artistas, atenuadas tanto pela aproximação que as redes sociais proporcionam quanto pelos sentimentos de identificação e pertencimento que compartilham por fazerem parte da comunidade gótica.

É importante lembrar que a própria frase que utilizamos como título do artigo, “*Los fascistas no bailan en nuestra oscuridad*” (“Os fascistas não dançam em nossas trevas”), é

fruto de uma autoria coletiva que apareceu em grupos e perfis em plataformas digitais como o Facebook, o Instagram e o TikTok intitulados “*Góticos contra o fascismo*”, sobretudo formados por fãs e frequentadores latinos da cena. Um ponto importante dessa frase são suas palavras centrais (Dança) e (Escuridão/Trevas). A dança é um elemento importante de expressão artística do gótico e a escuridão remete ao ambiente do oculto, mas também das pistas e clubes, onde a cena acontece presencialmente.

Essa frase, traduzida em várias línguas viralizou e é vendida em camisetas, adesivos e outros materiais gráficos na internet (FIGURA 4) em vários perfis de festas e festivais. A 18mage mem preto & branco contém um morcego despejando uma suástica no lixo, sendo o morcego uma das iconografias animais que melhor representam a subcultura, um animal noturno que se guia pelo som.

Figura 6: a imagem antifascista criada coletivamente



Fonte: página Goths against Fascism

A relação próxima entre fãs e artistas da cena gótica e o sentimento de comunidade se retroalimentam de forma que estar atento às ações e posturas dos artistas é também cuidar de toda uma comunidade que não se esgota no virtual e vice-versa. Nesse sentido, quando uma

acusação de vínculo com racismo e demais concepções inadmissíveis surge as prontamente se posicionam e se esforçam para eliminar contradições ideológicas do gênero, vez que não são compatíveis com a base cultural e ideológica da subcultura. Foi o caso do cantor estadunidense Brandon Pybos.

Negar, a partir desse momento da história da subcultura e música gótica, que Brandon Pybos e toda sua profícua produção artística existem foi o caminho escolhido pela maioria dos fãs que comentaram sua publicação de esclarecimento. Ainda que se explique, o cantor não demonstra arrependimento, mesmo negando qualquer vinculação a ideologias racistas e fascistas; acredita que suas escolhas pessoais e individuais devam ser respeitadas e separadas de sua música. A publicação e os comentários analisados parecem ser o ponto crucial que decretou a exclusão de Pybos do meio gótico.

O cancelamento serviu, nesse caso, como uma ferramenta para proteção da comunidade gótica e de seus fundamentos ideológicos, evitando a contaminação e proliferação de ideias segregantes e prejudiciais à continuidade da subcultura enquanto espaço seguro para seus participantes. Conforme a maioria dos comentários de fãs analisados, elas são inaceitáveis na comunidade. Sob este entendimento, seria possível afirmar que expulsar sujeitos do meio subcultural seria uma forma válida de dar continuidade a sua existência.

A ideia da “pedagogia dos fãs”, que trouxeram debates e discussões sobre racismo e outras questões para o cantor e para a comunidade, a partir da Plataforma, vai de encontro à própria noção de comunidade, pautada na política do diálogo e da educação como forma de transformar indivíduos e fortalecer as conexões do grupo. Sendo assim, como defender o cancelamento nas subculturas?

De mesma sorte, a força deve ser utilizada de maneira incisiva na repreensão de sujeitos e ideias que preguem a violência contra grupos minoritários, como o racismo. Nos parece que os cancelamentos também podem ser práticas que refletem o abandono dos governos à repressão de crimes de ódio⁹ na vida presencial, deixando as minorias ainda mais à margem.

⁹ Garland & Hodkinson (2014), a partir dos olhares da criminologia e da sociologia entendem que as subculturas alternativas – interseccionadas com outras categorias de identidade como gênero e raça – também podem sofrer crimes de ódio por outras pessoas e até por agentes da polícia. Inclusive desde o caso da morte de Sophie Lancaster acontecido na Inglaterra em 2007 esse debate tem sido feito mais intensamente. Sophie foi morta brutalmente por conta de seu visual gótico e sua mãe transformou a luta por justiça em uma ONG que atua em festivais de música alternativas como gótico, metal, etc. <https://www.bbc.com/news/uk-england-leicestershire-34919722>

No caso apresentado, o cancelado teve oportunidades de dialogar com seus pares diretamente, pôde expressar seus pensamentos, suas crenças, posicionamentos e negar as acusações de racismo que sofreu, recebeu e foi abraçado para uma segunda chance. No entanto, suas últimas declarações não demonstraram que houve alguma transformação, sua filiação ao *Sons of Confederate Veterans* continua ativa e sua contribuição a ela continua a financiar ações do grupo pelos Estados Unidos. Seu cancelamento, portanto, não se deu de maneira abrupta e, certamente, sua reintegração também não ocorrerá desta maneira.

Considerações Finais

Após percorrer os caminhos ideológicos e culturais da subcultura e da música gótica, as relações entre seus participante nas plataformas e redes sociais e utilização destas na criação de espaços para fãs de bandas e artistas, bem como explorar um caso concreto no qual a relação fãs e artista é atravessada pela vigilância e culmina no cancelamento, pensar os desdobramentos desta prática, do virtual às materialidades, acabou ser também pensar acerca dos limites aos cuidados na preservação da história, cultura e ideologia gótica, com vistas a sua continuidade.

Não é possível afirmar que o cancelamento na subcultura gótica é certo ou errado, bom ou ruim, mas é possível compreender que sua utilização em casos específicos que demandem o vigor, configura uma forma de proteção e luta por ideais de sociedade mais justos e menos perversos. Dessa forma, a retomada de suas raízes políticas radicais e contraculturais é, também negar a presença de fascismos na comunidade gótica, para que ela seja, de fato, uma comunidade.

Estudos futuros podem aprofundar mais a discussão acerca do cancelamento na subcultura gótica, a partir de outros casos. Também, são bem-vindos estudos que investigassem o racismo estrutural, que também está no meio subcultural, a partir de falas de sujeitos negros como indicado nas vivências das influenciadoras góticas analisadas por Gomes (2025). Nesse caso específico, também nos aparece que a prática do cancelamento emerge com mais força em torno de indivíduos do que de instituições, um exemplo disso é por exemplo algumas discussões que frequentadores do Madame Club (antigo Madame Satã) têm feito nos comentários do Instagram da casa em torno dos debates sobre politização da cena. Isso acontece por exemplo quando é anunciado algum especial de festa com discotecagem especial com algum artista cancelado na cena, como foi o caso de um post que anunciava festa com set com músicas Marilyn Manson e vários comentários criticavam a casa por essa escolha, dado as

acusações de abuso sexual, estupro e violência doméstica. As discussões sobre liberdade individual X coletividade e separação entre obra e artista e escolhas artísticas dos DJs reaparecem nos comentários. Nesse sentido, a casa se mantém dado que seu público é maior do que só os frequentadores góticos e a repercussão não chega a ser compreendida enquanto um cancelamento.

Ainda, o caso aqui estudado é de uma banda estadunidense cuja repercussão foi maior na cena translocal *online*, não chegando com tanta força ao Brasil, de sorte que estudos a partir da realidade brasileira e latino americana podem trazer novas descobertas acerca das tensões e conflitos nas cenas góticas. Pybos não é Uma observação final sobre o caso de Pybos e do Sonsombre é o fato de que a trajetória do músico é de migração da cena do Metal para a cena gótica. A tensão entre ambos os gêneros musicais e cenas é clássica dentro dos debates da subcultura, sobretudo pelo apontamento de que boa parte dos estilos musicais do gótico tendem ao feminino ou ao não-binarismo de gênero, contando com uma série artistas mulheres à frente de bandas e projetos clássicos da cena. Seria interessante investigar essa “treta” (SÁ, 2021) como parte da essência política de ambas as cenas.

Num outro apontamento, em 2024, o caso do cancelamento do escritor e quadrinista inglês Neil Gaiman ganhou a atenção da mídia. Apesar de não se denominar membro da comunidade gótica, o trabalho artístico de Gaiman é de referência para a subcultura – calcada na Literatura, Arte, Música e Moda como pilares centrais. Portanto, é possível ver desdobramentos desse cancelamento nos grupos de discussão da subcultura e em textos de fãs no Substack, tanto estrangeiros quanto brasileiros. Esse caso pode trazer novas nuances para pensar o consumo cultural do *Fandom Dark*.

As práticas de cancelamento em grupos distintos podem nos trazer taxonomias e novas categorizações, avançando o campo dos estudos de fãs e música a partir de abordagens teóricas e de metodologias de análise. A partir da leitura das bibliografias nacionais e internacionais sobre o tema também observamos que a maior parte dos estudos sobre casos de cancelamento se concentram em músicos dos mais variados gêneros musicais. Entender as diferenças de cancelamentos a partir de um comparative entre gêneros e cenas musicais pode ser um caminho. Também seria interessante para próximos estudos discutir a força da música e de seus fãs na visibilidade tais casos, uma vez que boa parte dos estudos de fãs no contexto brasileiro são de fãs e fandoms relacionados a música, fator diferente nos estudos do Norte Global que enfatiza séries de TV e franquias.

Desta maneira, compreendemos que as pesquisas sobre música e comunicação vem ampliando suas abordagens e métodos, e nos trazendo reflexões interessantes quando combinadas com os estudos de plataformas e da cultura digital como um todo.

Referências

- ALBERTO, Thiago. P.; SÁ, Simone. As controvérsias de Morrissey e a Cultura do Cancelamento: Uma batalha nas guerras culturais da música pop. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 252–276, 2021. DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27697. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27697.
- ANDREJEVIC, Mark. Watching television without pity: The productivity of online fans. **Television & New Media**, v. 9, n. 1, p. 24-46, 2008.
- AMARAL, Adriana. 'Children of the dark in a tropical country': media archeology of Brazilian goth subculture and its transformation. In: PEREIRA, Cláudia. (Org.). **Brazilian Youth**. Global Trends and Local Perspectives. 1ed.London: Routledge, v. 1, p. 141-155. 2020.
- AMARAL, Adriana. Cybersubculturas e cybercenas. Explorações iniciais das práticas comunicacionais electro-goth na Internet.. **Revista FAMECOS**, v. 33, p. 21-28, 2007.
- AMARAL, Adriana da Rosa; MONTEIRO, Camila. Esses roquero não curte: performance de gosto e fãs de música no Unidos Contra o Rock do Facebook. **Revista Famecos**, v. 20, n. 2, p. 446-471, 2013.
- AMARAL, Adriana; GOVARI, Caroline. Dos fluxos midiáticos entre o mainstream e o underground: os encontros e desencontros de Madonna e as subculturas. **Líbero**, n. 47, p. 228-244, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Zouk, 2007.
- BRILL, Dunja. **Gender, status, and subcultural capital in the goth scene**. London: Routledge, 2007.
- CAETANO, Stella. Nas vias do underground: o circuito de festas góticas da cidade do Rio de Janeiro. Niterói: UFF, 2020. **Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades)** - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.
- DRIESSEN, Simone. **The participatory politics and play of canceling an idol**: Exploring how fans negotiate their fandom of a canceled 'fave'. *Convergence Journal*. V.30 (1), 2024. <https://doi.org/10.1177/13548565231199983>
- FERREIRA, Gabriella de Oliveira Salmeron. *Brincando de detetive: uma investigação da relação entre o conteúdo e os fãs do podcast "Projeto Humanos"*. Dissertação de mestrado. PPGCOM, Universidade federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.
- GARLAND, Jon, HODKINSON, Paul. Alternative subcultures and hate crime.
- GOMES, Amanda. Racismo e misoginia na subcultura gótica: uma análise a partir de vivências de mulheres negras. **Dissertação de Mestrado**. Comunicação. UFMG, 2025.
- GOULDING, Christina, *et al.* Into the darkness: Androgyny and gender blurring within the gothic subculture. **ACR Gender and Consumer Behavior**, 2004.
- GOULDING, Christina; SAREN, Michael. Performing identity: An analysis of gender expressions at the Whitby goth festival. **Consumption, Markets and Culture**, v. 12, n. 1, p. 27-46, 2009.
- GOVARI, Caroline., VIEIRA, Eloy.; TABASNIK, Rafaela. Fã ou Hater? Uma aproximação entre os estudos de fãs e a cultura do cancelamento. **Brazilian Creative Industries Journal**, 4(1), 155–184. 2024. <https://doi.org/10.25112/bcij.v4i1.3731>
- HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. **Resistance through rituals**: youth subcultures in post-war Britain. London: Hutchinson, 1976.
- HEALY, Murray. **Gay Skins**: Class, masculinity and queer appropriation. Bread and Circuses, 2014. Disponível em: <http://breadandcircusespublishing.com/>.
- HURMERINTA, Sami. **British society in gothic rock**: Siouxsie and the Banshees 1978-79. 2014
- HODKINSON, Paul. "Net.Goth". On-line Communications and (Sub)Cultural Boundaries. In: MUGGLETON, David.; WEINZIERL, Rupert. **The Post-Subcultures Reader**, London: Berg Publishers, pp.285-298, 2003.
- HODKINSON, Paul. **Goth**: Identity, Style and Subculture. Oxford: Berg, 2002.
- JENKINS, Henry; TULLOCH, John. **Science Fiction Audiences**: Watching Star Trek and Doctor Who. London: Routledge, 2005.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

- JENSEN, Sune Qvotrup. Repensando o capital subcultural. **Revista Eco-Pós**, 17(3).2014. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v17i3.1766>
- JERRENTUP, Ansgar. Gothic and dark music: forms and background. **The World of Music**, p. 25-50, 2000.
- KUHNLE, Volkmar. **Gothic-Lexikon: The Cure, Bauhaus & Co: das grosse Nachschlagewerk zur Gothic-Szene**. Berlin: Lexikon Imprint, 1999.
- LAING, Dave. **One Chord Wonders: Power and Meaning in Punk Rock**. Milton Keynes: Open University Press, 1985.
- LIMA, Rita de Cássia Pereira; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Campo e grupo: aproximação conceitual entre Pierre Bourdieu e a teoria moscoviciana das representações sociais. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 1, p. 63-77, 2015.
- MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MUELLER, Charles Allen. **Music of the Goth Subculture: Postmodernism and Aesthetics**. Morrisville: Proquest, 2008.
- NAPOLITANO, Marcos. **História e música**. Belo Horizonte: Autêntica, 1995.
- NG, Eve. **Cancel Culture. A Critical Analysis**. London: Palgrave Macmillan.2022
- NYBRO PETERSEN, Line. **Mediatized Fan Play: Moods, Modes and Dark Play in Networked Communities**. Milton Park: Routledge.2022
- OLIVEIRA, Pedro Carvalho. Rock e neofascismos na América Latina. **Revista nuestraAmérica**, v. 7, n. 13, p. 126-144, 2019.
- OLIVEIRA, Thiago; CAETANO, Stella; LOUREDO, Fábio. A narrativa majoritária do empreendedorismo no Brasil: facetas da colonialidade e do racismo structural. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 8, n. 1, p. 140-162, 2021.
- REYNOLDS, Simon. **Rip it up and start again: Postpunk 1978-1984**. London: Faber & Faber, 2009.
- SÁ, Simone Pereira de. **Música pop-periférica brasileira: videocliques, performances e tretas na cultura digital**. Brasil: Appris, 2021.
- SÁ, Simone Pereira, ALBERTO, Thiago. O cancelamento como prática de fãs:ativismo ou relações tóxicas? In: BORGES, Gabriela, GRÁCIO, Rui A., RIBEIRO, Orquídea. **Cidadania digital e culturas do contemporâneo**. Coimbra: Gracio Editor, pp. 51 -60, 2024. https://ciac.pt/wp-content/uploads/2024/07/Cidadania-digital-e-culturas-do-contemporaneo_digital-1.pdf#page=51
- SHEFRIN, Elana. Lord of the Rings, Star Wars, and participatory fandom: Mapping new congruencies between the internet and media entertainment culture. **Critical Studies in Media Communication**, v. 21, n. 3, p. 261-281, 2004.
- SHIRLEY, Ian. **Dark Entries: Bauhaus and Beyond**. London: SAF, 1994.
- SPRACKLEN, Karl; SPRACKLEN, Beverley. **The evolution of goth culture: the origins and deeds of the new goths**. Bingley: Emerald Publishing Limited, 2018.
- TABASNIK, Rafaela. **“O Brasil tá vendo”**: Os enquadramentos sobre a cultura do cancelamento nas relações performáticas entre o BBB21 e as audiências do Twitter. Dissertação de Mestrado. Ciências da Comunicação Unisinos, 2022. <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/12432>
- THOMPSON, Dave. **The Dark Reign of Gothic Rock: In the Reptile House with The Sisters of Mercy, Bauhaus & The Cure**. London: Helter Skelter Publishing, 2002.
- THORNTON, Sarah. **Club cultures: music, media, and subcultural capital**. Oxford: Polity Press, 1995.
- VAN ELFEREN, Isabella. Dark timbre: the aesthetics of tone color in goth music. **Popular Music**, v. 37, n. 1, p. 22-39, 2018.